



A práxis na bottega renascentista à luz da Ontopsicologia: uma proposta prática

Hans Egon Horstmann¹

Resumo: Este artigo trata da práxis na bottega renascentista. O trabalho de pesquisa, que visa descrever com exatidão esta prática, culmina com a leitura desta à luz da Ontopsicologia. Esta pesquisa, como fundamentação teórica, está inserida no estudo histórico e epistemológico da Ontopsicologia, mas se relaciona com temas pontuais da Ontologia e, faz uso da Filologia para a compreensão de conceitos principais. Nossa intenção é conhecer esta prática que influenciou profundamente um país, fato perceptível ainda hoje. Para tanto, fizemos uso de uma pesquisa bibliográfica documental. Esta práxis foi tão bem sucedida nos seus resultados por estar em perfeita harmonia com a essência do homem. A leitura do tema à luz da Ontopsicologia mostra isso com clareza. Entendemos ser oportuno aprender com este homem, que vivia a prática de trabalho, formação e estudo dentro da bottega renascentista.

Palavras-chave: bottega; Humanismo; Ontopsicologia; excelência.

The práxis in Renaissance bottega in the light of Ontopsychology: a practical proposition

Abstract: This article deals with the practice in Renaissance bottega. The research, which aims to accurately describe this practice culminates with the reading of the light of Ontopsychology. This research, as theoretical foundation, is part of the historical and epistemological study of Ontopsychology, but relates to specific issues of ontology and makes use of philology to the understanding of key concepts. We intend to meet this practice which profoundly influenced a country, noticeable fact today. For this, we used a documentary literature. This practice was so successful in its results to be in perfect harmony with the essence of man. Reading the subject in light of Ontopsychology shows this clearly. We consider it appropriate to learn from this man, who lived the practice of work, training and study within the Renaissance bottega.

Keywords: bottega; Humanism; Ontopsychology; excellence.

¹ E-mail: hansagon@gmail.com

1 Introdução

O objeto de estudo do presente artigo é a práxis no contexto específico da *bottega* renascentista. A pesquisa contempla uma descrição detalhada desta prática, e mostra algumas de seus resultados mais importantes, visíveis até os dias de hoje. A contextualização histórica é imprescindível, visto se tratar de algo ocorrido num lugar e época bastante específicos, o que foi determinante não só para o surgimento das *bottegias*, mas que influenciou fortemente a prática desenvolvida no seu interior. Estamos falando do auge do Humanismo histórico, fenômeno exclusivamente italiano: o Renascimento.

No tempo presente, a Itália é quem dita tendências quando o assunto está relacionado ao *design*, seja de roupas, sapatos, móveis, etc. A Itália tem uma profunda relação com a estética. Além disso, o italiano ainda hoje se beneficia de um conceito, sinônimo de excelência, de alta qualidade e de beleza: o *Made In Italy*. Isto não aconteceu por obra do acaso. Foi construído e conquistado ao longo de muito tempo através de uma ação determinada. É herança da práxis desenvolvida no interior da *bottega* renascentista.

Entendemos que se uma determinada ação influenciou positivamente um país - influência esta que pode ser percebida após vários séculos – esta ação merece ser estudada. Nosso propósito é fazer uma leitura da práxis na *bottega* renascentista à luz da Ontopsicologia, que revelou o critério de sanidade, de exatidão e de vida do humano: o Em Si ôntico. Só assim teremos condições de avaliar se esta prática pode ser um paradigma para o homem de hoje.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica documental. Tivemos dificuldades em encontrar literatura específica para o tema em língua portuguesa. A grande maioria dos autores consultados é italiana. Nosso ponto de partida foi determinar o contexto histórico, importante base para descrever com exatidão a práxis na *bottega* renascentista. Em seguida, procuramos trazer à tona os principais resultados desta prática para a realidade social na qual estava inserida. Por último, procuramos olhar esta práxis a partir do critério de vida do ser humano, descoberto pela Ontopsicologia: o Em Si ôntico.

2 Fundamentação Teórica

Território italiano, século XIV. Esta é a realidade que nos interessa. Com o propósito de conhecê-la consideramos imprescindível olhar para o homem que lá viveu, saber quem e como ele é. Conhecendo o homem, sabemos sua realidade, pois “o homem é a medida de todas as coisas” (PROTÁGORAS, 480 a.C – 415 a.C).

O homem que viveu dentro destas coordenadas de tempo e espaço é acima de tudo heterogêneo. Tem várias nacionalidades, fala diversas línguas, tem inúmeros costumes. Defende a própria identidade, as próprias morais, as próprias leis, etc., de tal modo que dentro de um mesmo território haviam localidades completamente diferentes e totalmente independentes entre si. Esta heterogeneidade é sinônimo de riqueza e promove um grande desenvolvimento para o individualismo. “Por isso, a Itália é uma vivacidade poliédrica, na qual os ‘italianos’ não foram nunca amigos entre si, sempre estiveram em guerra, mas isso provocou uma dialética que constitui justamente o gênio italiano” (MENEGETTI, 2014, p. 42-43). Este homem resgata a importância e o valor da *res publica* romana, isto é: entende a importância do bem comum, da cidade, das instituições, e participa da centralidade do poder do governo local. Existe uma autonomia local e tudo é centralizado na cidade. No interior deste território podemos destacar cinco culturas que se desenvolveram sobremaneira: Milão, Veneza, Florença, Roma e o Reino de Nápoles.

Essa democracia, verdadeiramente forte, era feita em nome do homem, da pessoa, portanto do conjunto dos indivíduos livres, participantes por território da própria cidade e da sua economia, exercitavam por si, em modo direto, a sua intervenção e serviço em todos os aspectos. Tal articulação e experiência não foi um evento espontâneo, mas um fato racional, isto é, os participantes tinham uma filosofia política precisa, uma clara consciência do direito e do dever... (MENEGETTI, 2014, p. 47-48).

A igreja há muito tempo usurpou uma história que não lhe pertence e, fazendo uso de uma hermenêutica altamente tendenciosa, levou o homem para muito longe: para fora de si mesmo. “O conceito de humanidade que se tinha até então estava fadado a levar o humano a uma excessiva redução das suas possibilidades” (SCHAEFER, et al., 2011, p. 41). Mas “agora” é diferente. O homem volta ao centro e agora quer realizar. Nasce o *homo faber*, isto é: o homem que é capaz e sabe fazer, que sabe produzir com as próprias mãos, fazendo uso de suas capacidades manuais e intelectuais. O trabalho em si adquire um novo conceito devido às corporações de artes e ofícios. O trabalho dos diversos artesãos passa a ser valorizado pelo seu aspecto profissional e é reconhecido como arte.

Fica evidente que este homem tem novos valores. Ele quer uma atividade social em liberdade e preza por sua dignidade. Antonio Meneghetti² descreve quais são justamente estes valores tão priorizados pelo homem pertencente a este contexto histórico: a) A Vida Ativa: este valor mostra a importância do agir, do fazer, do construir. A “verdade se faz agindo agora, não é algo que se crê, espera ou sonha” (MENEGHETTI, 2014, p. 56-57); b) A Socialidade: o homem é um ser social, e na sua existência e atividade deve favorecer o crescimento junto com os outros; c) A Liberdade: valor fundamental, sendo uma dádiva da natureza a todo homem é tida como inegociável; d) A Dignidade do Homem: aqui está todo o alicerce para o quanto foi dito anteriormente. O homem tem o “dever de respeito, sacralidade, transcendência, superioridade” (MENEGHETTI, 2014, p. 59), diante de outro homem, e também diante de si mesmo.

O auge de todo este movimento que resgata e reforça o homem – o homem que sabe fazer e quer desenvolver todas as suas reais possibilidades – é o Renascimento. No Renascimento é o homem quem renasce. E este homem “tem intrínseco o valor da autonomia operativa, isto é, o conceito grego de ἀρετή [areté], a virtude cívica: a ἀρετή era o elemento-base no qual devia individuar-se e exaltar-se o homem, portanto uma virtude do fazer, construir, definir, criar” (MENEGHETTI, 2014, p. 72).

A ἀρετή, entendida aqui como excelência³, é o resultado de um autêntico desenvolvimento de uma potencialidade dada ao homem, mas que precisa ser desenvolvida, buscada. E nesse processo percebe-se que é na atividade que se alcança a potência que nos habilita para uma determinada excelência. A ἀρετή está em nós de forma latente, e para que se torne eficaz e “apareça”, é necessária uma ação consciente através do trabalho. “Esse conceito já estava presente na formação do homem grego; em *O Trabalho e os Dias*, de Hesíodo, encontramos a descrição do ‘valor do trabalho’ como o único caminho, ainda que difícil, para alcançar a Areté (virtude)” (SCHAEFER et al., 2011, p. 83).

Este homem, que é impulsionado a fazer, a criar o novo, vai transformar radicalmente o lugar onde vive. “A partir do século XIV, a Itália é o primeiro território no qual se verifica a formação de uma burguesia rica e culta. Pela primeira vez as grandes fortunas não derivam do vínculo feudal, mas nascem de novas atividades como

²MENEGHETTI, A. *Do Humanismo histórico ao Humanismo perene*. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editora Universitária, 2014, p. 56-59.

³Cf. LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Liddell and Scott Greek-English Lexicon*. Oxford, 1996.

o comércio, a indústria e as finanças” (MORACE, 2008, p.14). Na Itália nasce o primeiro banco (Banco de São Jorge em Gênova, 1406), a primeira universidade do mundo ocidental (Universidade de Bolonha, 1088). Encontramos intelectuais brilhantes como Marsílio Ficino e Pico della Mirandola, que deixaram um legado para o homem de outros tempos. A Itália é plena de grandes artistas, devido em parte ao extraordinário florescimento das *botteghe* dos mestres artesãos – objeto de estudo deste trabalho.

A *bottega* renascentista é antes de tudo um lugar de ação, do fazer, da prática e tem com objetivo principal a formação integral da pessoa. Era o local da aprendizagem. Naquela época, se um jovem mostrava uma vocação artística, era acolhido na *bottega* de um mestre, que iria formá-lo. O talento natural deveria ser aprimorado e a técnica aprendida até a perfeição. “Essa capacidade não terminava em si mesma, fazia parte daquilo que poderia ser útil à sociedade em sua totalidade.” (SCHAEFER et al., 2011, p.48). Havia uma ordem hierárquica muito bem definida entre os três tipos de trabalhadores existentes na *bottega*: os aprendizes, os companheiros e os mestres.

Os aprendizes eram em sua maioria jovens trabalhadores que, uma vez admitidos na *bottega*, submetiam-se ao mestre, que lhes ensinava o ofício. “Era um tipo de aprendizagem bastante rigorosa, que exigia muita disciplina e dedicação” (SCHAEFER et al., 2011, p.48). Havia uma clara divisão de tarefas distribuídas pelo mestre aos aprendizes em função da idade e experiência de cada um. Quando o aprendiz atingia um determinado nível de conhecimento e possuía certa habilidade técnica, era “promovido” a companheiro, “e alguns chegavam a produzir obras completas” (ibid., 2011, p.46). De fato, muitas obras-primas que levam o nome do chefe da *bottega*, são de fato obra de muitas mãos. “O mestre, sendo comissionado para alguma obra, contava com o trabalho dos alunos para realizá-las. Estes, por sua vez, aprendiam as técnicas e as habilidades do mestre e ainda ajudavam em todo tipo de serviço necessário para a manutenção da *bottega*” (ibid., 2011, p.49).

Domenico de Masi argumenta que a imaginação do gênio não é apenas fruto de qualidades pessoais, mas uma elaboração coletiva feita através de um grupo que suporta, desenvolve e persegue a idéia no trabalho de todos os dias. A criatividade, portanto, não é somente algo pessoal, mas uma experiência coletiva (...). Esta é uma das características mais interessantes do caráter italiano, desde a *bottega* renascentista... (FEDERLE, 2003, p. 3. Tradução nossa).

O talento do aprendiz era condição básica para ser admitido numa *bottega* de um mestre reconhecido. O aprendiz só seria aceito após rigorosa avaliação deste quesito por

parte do mestre. Uma vez aceito, o aprendiz deveria se responsabilizar pela própria aprendizagem.

...o aprendiz deveria pagar um valor ao mestre para custear as despesas do aprendizado e a da sua própria manutenção durante o período em que estivesse sob a sua orientação e educação. Portanto, eram os alunos que pagavam para trabalhar, residir e aprender com o mestre, porque a formação era realizada na prática do dia a dia da bottega (SCHAEFER et al., 2011, p. 49).

O aprendiz iniciava o aprendizado vendo o mestre fazer. Aprendia vendo. Num segundo momento deveria ele próprio começar a fazer. A *bottega* renascentista era a combinação perfeita destes fatores: primeiro fazer para ensinar, e depois, fazer para aprender.

Aquele modo de ensino e educação era extraordinário, com muitas características positivas em relação a hoje. Estudava-se mais, trabalhava-se mais, crescia-se mais. Além disso, havia um maior contato com a prática e com a figura do professor que era verdadeiramente um mestre. (SCHAEFER et al., 2011, p. 49).

Ao mestre cabia fazer para ensinar. Ensinava fazendo, permitindo que os aprendizes vissem todo o processo, de modo que, toda a técnica com os seus segredos pudessem ser assimilados. A partir deste fato fica evidente que era necessária uma competente capacidade para poder ensinar: era necessário alguém que soubesse fazer, criar, produzir e que tivesse a clara intenção de ensinar.

Fundamental, no entanto, era a figura do mestre. O mestre⁴ era uma instituição de valor, porque tinha não apenas o objetivo de levar a mensagem da arte, mas tinha também o objetivo pedagógico de formar outros mestres, outros magistérios (SCHAEFER et al., 2011, p. 48).

O mestre proprietário da bottega administrava todo o processo produtivo supervisionando o trabalho dos aprendizes. Estes aprendiam o ofício e os segredos da profissão através do trabalho, e depois de um longo aprendizado, podiam tornar-se mestres, iniciando uma atividade própria (AMATORI e COLLI, *apud* SACERDOTE, 2014, p. 20. Tradução nossa).

Este modelo de aprendizagem experimental, onde o aprendiz aprende fazendo e vendo fazer, é apontado como a principal causa da elevada produtividade criativa dos renascentistas⁵. Nesta época, só na cidade de Florença havia mais de cinquenta *bottegas*. Michelangelo, Donatello, Da Vinci e Botticelli são alguns dos que foram formados nestas *bottegas*, que assumiam um formato de laboratório de experimentação. Quanto às

⁴ Do latim antigo *magister*: é aquele que é três vezes mais. Conforme MENEGHETTI, A. *Sistema e Personalidade*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004, p. 142.

⁵Cf: LIMA, Gilson. Redescoberta da mente na educação: a expansão do aprender e a conquista do conhecimento complexo. *Educação & Sociedade*. Vol. 30, n. 106, jan.-abr., 2009.

atividades propriamente ditas, havia uma riqueza de variedade: desde a pintura, a escultura e o desenho, até a carpintaria, a mecânica, e a engenharia – além das técnicas de fundição de metais, processamentos cerâmicos e de tecidos.

Os mestres, em geral, separavam o aprendizado experimental em ambientes de *bottega* do aprendizado teórico em ambientes conhecidos como academias [sic] (salas de aulas teóricas). O interessante é que eles migravam de um ambiente para outro com grande flexibilidade, diante de desafios colocados pelas descobertas e pelo aprendizado conquistado. A grande novidade da metodologia pedagógica inventada na Itália renascentista, que produziu um número significativo de grandes artistas, intelectuais e cientistas, foi operada pela sagaz combinação entre a oficina (laboratórios especializados na modulação da aplicação do conhecimento) e a academia (com lugares especializados na aprendizagem reflexiva do conhecimento complexo). (LIMA, 2009, p. 159).

Após este breve estudo e apresentação sobre o tema desta pesquisa, apresentaremos as informações concernentes ao método de pesquisa.

3 Método

A pesquisa que dá base a este artigo é bibliográfica de caráter documental. O objeto de estudo tem como ponto de partida um fato histórico ocorrido há seis séculos. A sua indicação para esse estudo relaciona-se ao fato de a aproximação com o objeto de estudo se dar a partir de fontes bibliográficas. Por este motivo entendemos que esta modalidade de pesquisa é a mais indicada.

O método utilizado no processo de investigação tem como ponto de partida o estudo detalhado do contexto histórico; além de considerar em todo o percurso de pesquisa as dimensões filosófica, material e ontológica que envolvem o objeto de estudo.

As fontes que dão sustentação ao aspecto histórico do objeto de estudo são em sua maioria de autores italianos – alguns disponíveis em língua portuguesa. A leitura do tema à luz da Ontopsicologia é feita exclusivamente a partir de textos do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Conceitos importantes são explicitados a partir dos originais gregos e latinos.

4 Resultados e Discussão

A *bottega* renascentista era um sistema de ensino elitista, isto é: poucos mestres para poucos alunos. O objetivo principal era “lapidar” o gênio, uma vez encontrado. A

pedagogia pós-industrial, ao invés, quer educar a coletividade inteira⁶. O objetivo, por excelência, do processo de aprendizagem na *bottega* renascentista não era simplesmente ensinar uma profissão, mas visava à formação integral da pessoa, onde a sua vocação de natureza é aperfeiçoada. O gênio precisa ser lapidado, a exemplo de um diamante bruto. O alvo a ser alcançado é a plena realização pessoal. Chegar a ser exatamente do modo que a natureza intencionou.

A qualidade era mais importante do que a quantidade. “A tarefa fundamental que o homem deve cumprir é, segundo os humanistas, a *autorrealização*, na qual é fundamental a *felicidade individual* e a possibilidade de gozar das próprias *capacidades*” (MENEGETTI, 2014, p. 75). Falando ainda especificamente do artista, Antonio Meneghetti declara: “Ele não nasce tal, forma-se, atua-se *in progress*, em evolução contínua por meio de mil estratégias, mil dificuldades. Pode não chegar, mas esse homem existe somente se chega⁷. Ele cresceu construindo, momento a momento, a resposta ótima a todas as tensões que o apelam”. (MENEGETTI, 2003, p. 61). Pico della Mirandola, em sua obra *Oratio de hominis dignitate* (Discurso sobre a dignidade do homem, 1486), apresenta o homem como *faber fortunae suae*, isto é: o homem é o resultado do que ele mesmo faz para si mesmo⁸.

Durante o processo de aprendizagem, o mestre só pode conduzir o aluno até onde ele mesmo está. Ninguém é capaz de ensinar aquilo que não sabe. Mas, o aluno pode num segundo momento, sozinho, ir além do próprio mestre.

O gênio nasce já com a predisposição ou vocação ôntica, porém, deve formar-se e, no seu campo específico, deve ser padrão dos instrumentos. No gênio, a superioridade cognoscitiva e de ação não se dá gratuitamente, enquanto desde o início, ele persegue a formação última de si mesmo, está sempre atento a muitos educadores. O verdadeiro gênio forma-se por meio de infinitas coisas. Deve saber fazer, porque deve conhecer a interioridade da matéria e as dinâmicas dos meios para operar a síntese (MENEGETTI, 2003, p. 113).

A essência de nosso objeto de estudo – a *bottega* renascentista – é o fazer, a ação. O mestre fazia com o intuito de ensinar aos seus alunos os segredos do seu saber, e assim se perpetuava aquela inteligência do fazer. Os alunos faziam para aprender. Aprendiam fazendo. “O homem resulta grande especialmente pelas suas realizações, isto é, por aquilo que faz, não por aquilo que pensa. Ele cria continuamente novas

⁶Cf: De MASI, Domenico. *Come crescere Il genio*. Style n.5, maio 2011. Disponível em: <<http://www.quadrifoglio50.it>>. Acesso em: 16 set. 2015

⁷ O verbo “chegar” aqui está na acepção de *raggiungere*, em italiano, no sentido de “ser bem sucedido”.

Nota nossa.

⁸Cf: MENEGETTI, A. Ibid., 2014, p. 77.

realidades (também a si mesmo), portanto é um ‘segundo criador’” (MENEGHETTI, 2014, p. 59).

Mas não era um fazer qualquer. Tratava-se de uma ação criativa que prezava, acima de tudo, pela excelência. Neste sentido, uma das características mais importantes da *bottega* renascentista era a ductilidade, no sentido de ter versatilidade e capacidade em se adaptar para atender às mais variadas exigências dos clientes. Esta maleabilidade trazia junto consigo uma propensão à especialização interna da mão-de-obra e uma sinergia intensa com outras *bottegas*⁹.

O produto do fazer da *bottega* renascentista não estava fixo num só modelo, numa só proposta, numa só resposta. A criatividade em ato é o que dava suporte e sustentação a esta qualidade. Eles sabiam fazer o novo, fazer diferente, fazer aquilo que ainda não havia sido feito – e a cada vez buscavam fazer melhor. É a cultura da excelência que pode ser resumida nas seguintes palavras: *saper fare*. “A Itália é o país no qual, em muitos setores, as coisas são bem feitas pelo simples gosto de fazer bem feito, segundo o clássico modelo artesanal” (MORACE, 2008, p.7). O ser metafísico, do qual o homem é fenomenologia, “introduz a necessidade da criatividade que implica saber fazer, com produção de objetos de serviço e também de valores sociais, mas, sobretudo, de realização própria como ambição psicológica” (MENEGHETTI citado por SCHAEFER et al., 2011, p. 107).

O resultado desta cultura pela excelência transformou a Itália provavelmente no país onde a qualidade de vida privada (isto é: como você come, como você se veste e como você mobília a sua casa) é a mais alta do mundo. Nestes setores a Itália ainda hoje não encontra concorrentes à altura. E o elemento base que une estes três setores e possibilita compreender o sucesso italiano é a estética. “E por estética não se deve entender somente o estilo e a imagem, mas, sobretudo a capacidade de sentir, típica do italiano (estética deriva do grego αἴσθησις [aísthesis] ‘sentido, percepção pelos sentidos’)” (MORACE, 2008, p.16. Tradução nossa). Trata-se de um *genius loci* que produz o belo de modo incessante, e o faz por simples intuição¹⁰. Uma capacidade de produzir beleza cotidiana. “Já dissemos que o bom gosto é uma variável da perfeição. Portanto, antes é necessário aprender a perfeição natural dos nossos sentidos, já que sem sentidos exatos, é inútil falar de arte” (MENEGHETTI, 2003, p. 217).

⁹ Cf. D’AMICO, N. *Storia della formazione professionale in Italia*. Milão, 2015.

¹⁰ Cf. MORACE, Francesco. *Il senso dell’Italia*. Milão, 2008.

Este fazer, que prezava pela criatividade, pela excelência e pelo belo, produziu um *conceito* muito importante para a Itália, até os dias de hoje: o *Made in Italy*. Herança direta do excelente modelo que é a *bottega* renascentista.

A verdadeira novidade da Ontopsicologia foi ter identificado o critério base de natureza do ser humano, chamado de Em Si ôntico. “O Em Si ôntico é um princípio formal, inteligente, que faz autóctise¹¹ histórica” (MENEGETTI, 2004, p. 255).

...Meneghetti vai adiante e identifica que, na radicalidade do nosso inconsciente, existe um princípio que projeta, um princípio gênio, um princípio organísmico, mas também transcendente, definido Em Si ôntico. Esse princípio dá a diretiva de como deveria ser a nossa vida segundo a ordem de natureza, não somente no sentido externo. É um autoindicador de toda a nossa programação como indivíduos, como sujeitos na realidade cotidiana, do instinto à economia, afeto, saúde, etc. (MENEGETTI citado por SCHAEFER et al., 2011, p. 53).

O Em Si ôntico é, segundo a Ontopsicologia, o critério¹² segundo o qual é possível discernir com exatidão tudo aquilo que é bom para o homem, que produz mais vida, crescimento e vantagem. É possível ver o Em Si ôntico somente pelos seus efeitos. Ele possui quinze características que o identificam plenamente, isto é: indicam com precisão “o que é, o que faz, para onde tende, como se especifica” (MENEGETTI, 2010, p. 20).

Para sabermos com certeza, se a práxis na *bottega* renascentista representa um paradigma para o homem de hoje, basta confrontar esta práxis com o Em Si ôntico. O ponto de partida é o fato que o Em Si ôntico *faz* autóctise histórica. A ação, o fazer é algo intrínseco ao Em Si ôntico. Ele é vivo, intenciona o tempo todo, não pára. É ação perene. Pelo exposto anteriormente, o homem da *bottega* renascentista havia compreendido que a sua própria essência era o fazer, o agir. E, através desta ação, fazia a si mesmo.

O Em Si ôntico é virtual. Não é um programa fixo, mas possibilidade de realização de um projeto, essencial no início, cuja realização depende exclusivamente do homem em si. “É uma força possível que se torna real somente após ter se tornado e, pelo modo como se tornou, suspeitamos que possuía uma forma própria.” (MENEGETTI, 2004, p. 260). O homem que pisava o chão da *bottega* renascentista

¹¹ Do grego αὐτός [autós] = a si mesmo + κτίζω [ktízo]= eu construo, fundo. É o processo de autoconstituição. Cf. MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro, 2012; LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Liddell and Scott Greek-English Lexicon*. Oxford, 1996.

¹² Do grego κρίνω [kríno] = julgo, escolho, separo, faço distinção; κριτήριον [kritérion]= norma, regra para discernir o verdadeiro do falso. Cf. MENEGETTI, A. *Ibid.*, 2012; LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Ibid.*, 1996.

fazia exatamente isto: buscava o real aprimoramento de como a natureza o havia intencionado e posto.

O Em Si ôntico é *econômico*, isto é: possui a norma de eficiência máxima em um determinado contexto. “...não significa apenas que não pode permanecer em uma forma estática, mas também que deve ser imediatamente reinvestido em atualização de novidade de ser. (...) O Em Si ôntico, na sua autonomia, é projeto aberto no fazer a si mesmo ao infinito: é *criativo*” (MENEGETTI, 2004, p. 261-262). Fazer o novo pela intuição da criatividade é evidência na práxis da *bottega* renascentista.

“No seu processo de atualidade o Em Si ôntico é essencialmente *estético*. Joga para ser belo e vencedor (...). É uma beleza holístico-hierárquica, não passageira. (...) O Em Si ôntico tem intrínseco o artista, é o nascimento do gênio” (MENEGETTI, 2004, p. 262-263). Esta descrição dispensa comentários. Basta olhar um pouco do muito que o homem produziu nas dependências da *bottega*, à época do Renascimento.

Pelo quanto foi brevemente exposto até aqui, podemos concluir que, à luz da Ontopsicologia, a práxis na *bottega* renascentista é algo que está em perfeita harmonia com a essência do ser humano, com a maneira como ele foi intencionado e posto pela própria Natureza. E por este motivo, esta práxis pode ser um modelo para o homem de hoje que quer construir bem a si mesmo.

Nós temos uma pequena oficina de *design* e movelaria, montada, equipada e em pleno funcionamento. Procurando aprender com aqueles que sabiam fazer o belo com excelência e criatividade, estamos verificando a possibilidade concreta em admitir pessoas, que apresentem algum talento nesta área específica, para um período de formação e aprendizagem, segundo o modelo da *bottega* renascentista.

Entendemos que existe a necessidade de um aprendizado básico que contemplará os seguintes temas: limpeza, manutenção de equipamentos, segurança, planejamento, projetos, desenho, materiais, cálculo, geometria e conceitos práticos de nível, esquadro e prumo. O aluno aprenderá fazendo.

Nossa proposta contempla duas modalidades. A primeira recebeu o nome de “módulos específicos”, e destina-se àqueles que querem aprender e dominar uma determinada técnica de trabalho, ou aprender a fazer um produto específico: pode ser um determinado tipo de móvel (mesas, por exemplo), pranchas de *surf*, arcos, luminárias, trabalhos em couro, acrílico, resina, decks para piscinas, revestimentos em madeira de fachadas e paredes, etc. A segunda modalidade é composta por módulos

sequenciais. Destina-se ao aprendizado integral da arte de planejar (*design*) e executar (fazer) a movelaria em geral.

Um ponto fundamental é que, após conhecer a própria ambição, no início o jovem deve fazer muita prática, deve assimilar tantas estradas, operar sobre si mesmo, para saber qual estrada tomar, compreender como ser eficaz, como estar tecnicamente preparado e saber fazer, para aquilo que um dia será o seu futuro. Por isso, a formação no trabalho, a técnica, a escola, a universidade, todos os conhecimentos teóricos e práticos a respeito das áreas de interesse de cada um são fundamentais. O jovem deve agir, experimentar-se, resolver e solucionar, pois o maior conhecimento, habilidades e competências advém com a ação. Aqui se encontra a dimensão do fazer (MENEGHETTI, informação verbal de Conferência realizada)¹³.

5 Considerações Finais

A vida pulsa a cada instante. A vida, para ser vida, tem que ter movimento, ação. Tudo o que está vivo se move, ainda que este movimento não seja perceptível ao olho humano. O mar é um excelente exemplo. Nunca está parado. O movimento é contínuo e sempre novo: não existem duas ondas exatamente iguais. O movimentar-se em ondas é parte essencial da sua identidade, isto é: o mar sem movimento não seria mar. Seria um aglomerado de água parada. A vida do homem não é diferente. O movimentar-se, a ação e o fazer estão intrinsecamente ligados ao homem. O Em Si ôntico, critério base de identidade do indivíduo, é assim definido: “...é um princípio formal, inteligente, que *faz* autóctise histórica” (MENEGHETTI, 2004, p. 255. O grifo é nosso). O homem só se realiza em sua plenitude quando vive e age conforme a intencionalidade de natureza, segundo a qual foi posto, isto é: quando age, quando faz.

O homem que viveu dentro da *bottega* renascentista, aprendiz ou mestre, vivia deste modo. Por isso produziu tanta excelência, qualidade e beleza. Quando o homem faz aquilo que lhe é próprio, o resultado só pode ser este. Intencionado e posto pelo ser, realizando o seu projeto, tudo o que ele faz é um apelo ao ser. Esta é a tensão intrínseca da vida: voltar ao ser, que é bom, belo e verdadeiro. “A arte se apela onde a existência histórica do homem é intencionada ou se intenciona. Portanto, a arte é um original retorno ou contato onde o Ser dá o êxtase do encontro” (informação verbal)¹⁴. Mas, quando o homem vive em desacordo com a sua real identidade, ele adoece e sofre. E sendo doente, como produzirá o belo?

O mestre da *bottega* renascentista ainda hoje tem muito a ensinar, pois entendeu que a vida se faz, sempre, desde o início. É na ação que as coisas realmente acontecem.

¹³ Parte de uma conferência do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti.

¹⁴ Parte de uma conferência do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti.

É no fazer que o aprendizado tem início. É pela ação contínua que o homem se aperfeiçoa até o ponto em que estará apto a ensinar. E o ensino também se faz pela ação. Permitimo-nos o direito de reescrever o dito popular: “faça o que eu digo, e faça o que eu faço”. Esta era a síntese da prática de ensino no dia a dia da *bottega* renascentista, responsável pelo surgimento de tantos homens além do comum. Prezavam pela busca do novo, ao invés de se enrijecerem com modelos e respostas fixas. Possuíam a cultura da excelência, isto é: fazer melhor, a cada vez. O bem feito de hoje não era tido como um ponto de chegada, mas de partida para o melhor de amanhã. Capazes de produzir o belo por pura intuição. Entendemos que não é por acaso que pesquisadores contemporâneos apontam o modelo da *bottega* renascentista como alternativa para a retomada do crescimento econômico da Itália¹⁵.

Mas não se trata de massificar o exemplo. A natureza não se repete, mas o homem insiste em uniformizar. O modelo da *bottega* renascentista não era para todos. Aplicava-se a pessoas específicas, que possuíam um talento que deveria ser desenvolvido e aprimorado. A prioridade não deve ser a quantidade, mas sim a qualidade. É preciso que haja oportunidades, isto é, lugares onde os talentos de hoje possam ser aprimorados e desenvolvidos à plenitude, segundo o modelo estudado neste artigo.

O desafio é justamente atualizar os valores do espírito do Renascimento, como a paixão pelo trabalho, a harmonia e senso de beleza, a cultura da criação, com o propósito de criar produtos cuja importância vai muito além da sua mera função de uso, através da formação dos mais diversos talentos. Este é justamente o cerne de nossa proposta prática embrionária. Porém, há vários fatores que precisam de uma análise mais apurada, antes da sua implantação.

Referências

D'AMICO, N. **Storia della formazione professionale in Italia**. Milão, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com/>>. Acesso em: 25 set. 2015

DE MASI, D. **Come crescere Il genio**. Style, nº 5, p. 39 e 40, maio, 2011. Disponível em: <http://www.quadrifoglio50.it>. Acesso em: 16 set. 2015

FEDERLE, G. **Domenico De Masi, La fantasia e la concretezza. Creatività individuale e di gruppo**. RCS Milano 2003. Disponível em: <<http://www.univirtual.it>>. Acesso em: 27 set. 2015

¹⁵ Por exemplo, Francesco Morace.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **Liddell and Scott Greek-English Lexicon**. Oxford, 1996. Disponível em:<<http://stephanus.tlg.uci.edu/>>. Acesso em: 16 set. 2015

LIMA, Gilson. Redescoberta da mente na educação: a expansão do aprender e a conquista do conhecimento complexo. **Educação & Sociedade**. Vol. 30, número 106. Jan-abr 2009.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do Homem**. 5. ed. Recanto Maestro, Ontopsicologica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **OntoArte. O Em Si da Arte**. Florianópolis, Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. **Princípios de Ontopsicologia**. Brasília, Ontopsicologica Editrice, 2001.

MORACE, F. **Il senso dell'Italia**, Milão, 2008. Disponível em: <<https://books.google.com/>>. Acesso em: 25 set. 2015

SACERDOTE, E. **Ritorno alla Bottega**. Franco Angeli, 2014. Disponível em: <<https://books.google.com/>>. Acesso em: 15 set. 2015

SCHAEFER, R.; PETRY, A.; BARBIERI, J.; AZEVEDO, E. (Orgs.). **Identidade Jovem: a formação humanista de jovens como garantia de sustentabilidade, identidade e protagonismo civil**. PRONAC nº 098244/Associação Brasileira de Ontopsicologia. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2011.